



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

Não me lembro de me ter enganado tão espectacularmente como nisto

«Eu estava convencido de que 1917 já era passado. De que o fim do pacto germano-soviético, em 1941, havia de facto acabado com a proximidade entre comunistas e fascistas. De que a queda do Muro de Berlim, em 1989, tinha (na pior das hipóteses) deixado os partidos comunistas sem alternativa senão a democracia. Isso aconteceu com alguns partidos comunistas europeus, realmente. Mas não com o PCP.»

1. O AÇORES. Que um terceirense possa zangar-se ao ouvir o presidente da SATA dizer que a Terceira não é conhecida em lado nenhum só nos pode causar perplexidade. A frase «Ninguém lá fora conhece a Terceira» é uma intervenção em favor da Terceira. Repito: a Terceira perdeu centralidade ao longo dos últimos vinte anos. Perdeu-a drasticamente em relação a São Miguel e perdeu-a drasticamente em relação ao Triângulo. Isto apesar de o primeiro deputado a eleger durante duas décadas ser o ex-presidente da sua maior Câmara Municipal, ao qual entregámos a vice-presidência do próprio Governo Regional.

A Terceira precisa de raciocinar mais e de se abespinhar menos. Precisa, seguramente, de vencer complexos. Precisa, evidentemente, de promoção. E precisa de *storytelling*. De narrativa. Um exemplo? Os putativos achados arqueológicos que discutimos há agora mais de uma década. Ou, por outra: aquilo a que estamos a reduzi-los.

Aquilo a que estamos a reduzi-los é a uma longa, infinita, eterna discussão em torno do seu valor científico e historiográfico. Que tem de ser aquilatada, naturalmente: se vamos ensinar a História de outra maneira às novas gerações, temos de apurar o grau de certeza daquilo que contamos. Só que a lenda é, em si mesma, uma possibilidade. Um privilégio narrativo. Um escocês que aqui chegasse e se deparasse com este dilema rir-se-ia de nós: ele sabe que nunca ninguém viu o monstro do Lago Ness e que, apesar disso, a curiosidade, a vertigem e o medo por ele gerados – isto é: gerados pela narrativa organizada em torno dele – transforma aquele lugar gelido e recôndito num destino de romaria turística, com toda a vitalidade e todo o rendimento económico daí resultantes.

Preferimos abespinhar-nos com quem nos diz esquecidos. Polarizar-nos em torno da cientificidade (ou não) de um imaginário. E, claro, continuar esquecidos, polarizados e em lento mas inexorável declínio.

2. O PAÍS. Engano-me com frequência e já me enganei várias vezes neste jornal, como é próprio de quem arrisca construir e trocar opinião. Mas não me lembro de me ter enganado tão espectacularmente como me enganei quanto ao PCP.

Eu estava convencido de que 1917 já era passado. De que o fim do pacto germano-soviético, em 1941, havia de facto acabado com a proximidade entre comunistas e fascistas. De que a queda do Muro de Berlim, em 1989, tinha (na pior das hipóteses) deixado os partidos comunistas sem alternativa senão a democracia. Isso aconteceu com alguns partidos comunistas europeus, realmente. Mas não com o PCP.

No momento em que invadiu a Ucrânia, Vladimir Putin perdeu todas as razões que podia ter para gerar tensão diplomática. A tensão diplomática pode ser – e muitas vezes foi – usada por motivos razoáveis, ou pelo menos arguíveis. Mas, afinal, o objectivo era mesmo a guerra. E o PCP devia ter revisto a sua posição em relação à Rússia no dia em que as primeiras tropas cruzaram a fronteira.

Não o fez. Condenou a invasão, mas do modo mais tímido que pôde. Entretanto, culpou os Estados Unidos, a NATO e – não há outro modo de dizê-lo – a civilização pela invasão. E, entretanto, usou o Parlamento Europeu para votar contra todas as propostas em favor do acolhimento da Ucrânia nas instituições internacionais e até (imagine-se isto) do socorro

das instituições internacionais aos ucranianos.

Está do lado errado da História, enganou-me durante demasiado tempo e eu envergonho-me disso. O PCP e, aliás, o BE, que fez essencialmente o mesmo e terminou os debates abstendo-se, o que é uma maneira igualmente efectiva – só que mais cínica – de votar contra.

3. O MUNDO. A guerra na Ucrânia (escrevo na quarta-feira, ressalvo) trava-se em primeiro lugar no tabuleiro da informação. É uma guerra mediática. Na segunda-feira à noite, ao fim de cinco dias de conflito, havia 352 mortos civis. Eram mais 352 mortos do que deviam ser. Mas eram muitos milhares a menos do que podiam ser.

Ora, uma guerra mediática faz-se com recurso a informação e a desinformação, a muita propaganda e a muitíssima encenação. A Rússia tem usado toda a que pode. A Ucrânia também, mas pode menos. Só que, entretanto, tem como presidente Volodimir Zelenskii, um excelente contador de histórias, o que desequilibra a balança em seu favor.

Por esta altura, já chega de olharmos de maneira classista para Zelenskii. Ele é um actor cómico de carreira, sim, mas Ronald Reagan também era um actor e foi um dos presidentes mais marcantes da história dos EUA. E o facto é que o presidente ucraniano já merece ser considerado um estadista.

Começou mal, convencido de que a Rússia não invadiria. Foi mau a antecipar, foi fraco a preparar e, inclusive, não foi especialmente rápido a reagir. Ao fim de quatro ou cinco dias de conflito, porém, já era o principal candidato a Pessoa do Ano da *Time*. E era-o, precisamente, por ser um bom contador de histórias.

Foi por ser um bom contador de histórias, um grande criador de personagens e um excelente gestor de narrativas, que se fez eleger há três anos Presidente da República com 71% (setenta e um por cento, note-se) dos votos. E, entretanto, tanto as suas intervenções formais como os seus vídeos «no terreno» têm condicionado imenso a visão da opinião pública deste conflito. A visão dos ucranianos, homens e mulheres, jovens e velhos – todos dispostos a resistir, tantos até a alistar-se –, e a visão do mundo, tão comovido com o drama dos ucranianos como revoltado com a crueldade de Putin.

Basta ver o modo como a União Europeia recebeu Zelenskii e votou todas as propostas em torno da Ucrânia para perceber o quanto o país progrediu numa semana, em parte devido à acção do seu presidente.

Agora, Zelenskii jogou uma cartada muito alta quando decidiu armar o seu povo. Porque, quando as grandes colunas militares entrarem a sério em Kiev, qualquer pequena resistência vai ser esmagada sem piedade. Não há nada que duas mulheres mal armadas possam contra os carros de combate russos. E, no fim, isso pode significar muitos mortos evitáveis.

Portanto, quanto ao prémio Pessoa do Ano, não sei. O lugar na História, temos de decidir mais tarde.

*Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)